

A preocupação em elaborar uma identidade étnico-cultural brasileira foi assumida com ardor pela intelectualidade nacional. Na tentativa de descobrir os problemas brasileiros e como solucioná-los, os intelectuais pautaram-se pelas teorias científicas européias, acomodando-as e adaptando-as à realidade do País. Deste modo, eles portaram-se como os *lumes*, ou seja, os verdadeiros representantes dos novos ideais, ao considerarem-se os únicos capazes de assegurar o futuro da nação brasileira.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a discussão em torno da criação e da consolidação do Brasil como uma nação moderna deu-se no âmbito dos debates da elite letrada. Isso estimulou o próprio desenvolvimento da produção cultural e científica, pois para se firmar como nação era necessário “vasculhar” a sua história. Os intelectuais do período buscaram freneticamente conhecer o País, destacando a sua composição étnico-cultural, suas tradições, suas características lingüísticas, religiosas, etc.

Esse processo levou a intelectualidade paulista a buscar para si uma representação do nacional, voltada para sua história e elaborando um passado glorioso. Numa primeira etapa, esta intelectualidade ressaltou o empreendimento bandeirante, acreditando ser ele o responsável pelo desbravamento e ocupação dos espaços longínquos da “civilização”. No momento seguinte, época de sua hegemonia econômica, com o desenvolvimento da lavoura cafeeira em terras desbravadas pelos bandeirantes, despertou-se o interesse pelo caipira paulista.

Na transição do século XIX para o século XX, era forte a busca da tradição paulista mediante os estudos sobre a História, a Geografia e a Antropologia da região, bem como o estímulo à criação de uma literatura local. O *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, o *Museu Paulista* e a *Academia Paulista de Letras* representaram muito bem as instituições norteadoras desse projeto. Uma série de autores, vinculados ou não institucionalmente a estas agremiações, trouxeram à cena da literatura regional figuras do caboclo e/ou do caipira. Valdomiro Silveira foi um dos seus expoentes.

O autor nasceu em Cachoeira Paulista, em 1873. Viveu sua infância e juventude no interior do Estado de São Paulo, onde, aos 14 anos, já escrevia para os jornais de Casa Branca sobre assuntos políticos e literários. Sua primeira publicação foi o soneto *A Estátua*, num jornal local, o *Bem Público*. Mais tarde transferiu-se para São Paulo, diplomando-se em Direito pela faculdade do Largo de São Francisco no ano de 1895. Este deslocamento espacial parece ter sido importante para Valdomiro Silveira no tocante a sua construção ficcional. O distanciamento do mundo rural de sua infância despertou-lhe uma espécie de nostalgia, implicando uma maior sensibilidade diante daquela realidade.

Em 1894, Valdomiro Silveira publicou o seu primeiro conto nitidamente regionalista, *Rabicho*, no *Diário Popular de São Paulo*. Apesar de seu primeiro livro, *Os Caboclos*, vir a público somente em 1920, a quase totalidade dos contos que compõem a sua obra foi escrita entre 1895 e 1896. Além de seu livro de estréia, publicou: *Nas Serras e nas Furnas* (1931), *Mixuângos* (1937) e obra póstuma *Leréias: histórias contadas por eles mesmos* (1945).

Além dos contos, Valdomiro Silveira publicou crônicas em diversos periódicos brasileiros, principalmente no jornal *O Estado de São Paulo*. Segundo sua filha, Júnia Silveira Gonçalves, ele também escreveu uma novela sertaneja, *A Sina de Nhara*, que não foi publicada, assim como dois outros livros de contos, *Mucufos e Caçadores*, e também uma coletânea de assuntos vários, *Simplicidade*.¹

Há que se notar na construção ficcional de Valdomiro Silveira um traço particular no que diz respeito à articulação temporal – com o presente da obra e com o tempo anterior a ela - na qual a memória foi a protagonista não só da experiência pessoal do autor, mas também se encontrou configurada numa preocupação referenciada nos ancestrais, daí uma memória heroicizante. Neste aspecto é que ela dialoga com o mundo da epopéia, que conforme Bakhtin é “o passado heróico nacional, é o mundo das ‘origens’ e dos ‘fastígios’, da história nacional, o mundo dos pais e ancestrais, o mundo dos primeiros e dos melhores”.²

* Este texto é fruto da pesquisa realizada para a elaboração de minha dissertação de mestrado, financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), defendida em 1997, com o título *A epopéia caipira: Valdomiro Silveira e a literatura regionalista*, na Universidade Estadual paulista, campus de Assis.

* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Professora da Universidade Estadual de Londrina – UEL – PR. E autora do livro *Erudição e ciência: as procelas de Júlio Ribeiro (1845-1890)*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

¹ GONÇALVES, Júnia Silveira. *Notas biográficas sobre Valdomiro Silveira*. In: **O mundo caboclo de Valdomiro Silveira** (Antologia de contos já publicados, com estudos de Bernardo Elis e Ruth Guimarães). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1974.

² BAKHTIN, Mikhail. *Epos e Romance (Sobre a metodologia do estudo do romance)*. In: **Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)**

A epopéia do caipira elaborada por Valdomiro Silveira, na verdade, foi a manifestação do desejo de encarnação de uma tradição, a qual ao mesmo tempo era imaginada e resgatada. Ao tornar a cultura caipira escrita, o escritor registra-a como documento para a posteridade e neste movimento mostra-se uma mente ordenadora, científica. No entanto, a maneira com a apresenta ou a se faz apresentar – cheia de vida, dramática, feliz, sofredora, entre outras – evidencia sua sensibilidade em perceber a dialética desse universo. De certa forma, este fato contraria a visão estigmatizadora em relação ao outro, tão cultivada por seus contemporâneos, a qual não consegue apreender a práxis social.

No momento em que Valdomiro Silveira escreve sobre os caipiras, o universo rural passa pela transição de uma sociedade fechada para outra de mercado. O autor tinha consciência das transformações que ocorriam no campo, a partir da lavoura cafeeira e da vinda de imigrantes, que foi paulatinamente desestruturando a sociedade caipira tradicional. Pode-se, afirmar que emanou disso o comportamento do autor como guardião da cultura caipira.

A caracterização do caipira ideal se dá mediante a volta ao passado. Mesmo tendo em conta que a definição deste encontra-se disseminada na obra, destaco um trecho em que ela se faz de forma clara:

Perto do pé de farinha-secca, já muito cansado e aborrecido com a bruèga que caía, o Vá-S'embora sentou-se, amparado da água por uma laceira de maracujá do mato. Atirou o chapéu de palha, todo esfiapado e amarelento, para uma banda, e então mais queimado lhe pareceu o rosto retalhado de rugas, sobre as barbas inteiramente brancas e sob os cabellos também assim [...] – E pitando num pito de légua e meia!³

Interessante notar neste fragmento as expressões: *Chapéu de palha, queimado, rugas, pitando num pito*, cujo efeito forma um quadro pictórico, semelhante ao da tela *Caipira picado fumo*, do pintor paulista Almeida Júnior. Com isso, pode-se dizer que, por meio desses elementos característicos da cultura caipira, o autor traçou um tipo caipira. Porém, nunca o caricaturizou, pelo fato de sua narração não enveredar para o cômico.

A sua obra vai além do registro documental, pois Valdomiro Silveira trabalha com a poética da oralidade do universo caipira, recriando literariamente o modo de vida desse universo. Pode-se dizer que, por um lado, a literatura regionalista, especialmente a realizada por Valdomiro Silveira assemelha-se à postura folclorista, pois está guiada por uma concepção mimética de arte, como se estivesse com uma câmara fotográfica e fosse dando *flashes* do universo das populações interioranas. Por outro lado, a literatura do prosador paulista distancia-se da postura folclorista, na medida em que recria os elementos do universo caipira, procedimento responsável pelo não congelamento da cultura, mas pela sua dinâmica, contrariamente aos folcloristas que a imobilizam.

A recriação do universo caipira na literatura valdomiriana dá-se por meio da poética da oralidade, ou seja, pela valorização da tradição oral, que está intimamente ligada à memória. E Valdomiro Silveira reconhece a memória como o próprio cerne da cultura caipira. Ao conviver com os caipiras desde criança em Casa Branca, distanciando-se, depois para realizar os seus estudos na cidade de São Paulo, retoma o convívio com as tradições caipiras quando é nomeado promotor público em Santa Cruz do Rio Pardo, local em que freqüentava pagodes e fandangos. Nesse convívio, procura recriar as histórias que ouve na voz dos caipiras, de certo modo, apropriando-se da memória destes. Vejamos: “[...] o vocábulo e a frase, atribuídos aos caipiras, são exclusivamente frase e vocábulos realmente usados por eles. Disquei-os na memória, apanhando-os em centenas de conversas, em pagodes e funções. Tomava minhas notas por toda a parte. Uma vez, na fazenda do Dourado encostada a Piraju, um caboclinho chegou a dizer que o promotor andava fazendo recrutamento”.⁴

No entanto, o propósito de Valdomiro Silveira foi além dessa preocupação com o registro fidedigno da cultura caipira, porque na intenção de não trair a maneira de falar do caipira, ele acabou por transformá-la em obra literária.

Nesse processo de recriação do universo caipira, o fio condutor de sua elaboração literária é a rememoração dos personagens, principalmente em seu livro *Leréias*, no qual a narrativa é guiada pelo próprio caipira e não por um narrador culto-onisciente. Tal estratégia usada na narrativa dá autonomia aos caipiras. Note-se como a rememoração está presente

No conto *Do pala Aberto*:

Olhe que eu fui uma criatura de recato: lá no capim falavam que moça donzela, p'ra ter bons modos, juízo e préstimo, havia de ser que nem eu. Trabalhava o quanto dava o dia, de sol a sol, [...] Toda esta vida pura, limpa pôs fim quando: Senão quando, vem-se hospedar em casa um moço dessas terras de longe [...] Por volta da meia-noite, vi um vulto escuro estrovar a craridade da lua, que batia em cheio nos meus lençóis, passada p'ro sapé mal junto a cumieira: eu quis gritar, o susto não deixou, [...] e dahi por deante

³ SILVEIRA, Valdomiro. *Nas Serras e nas Furnas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

⁴ ENTREVISTA Valdomiro Silveira. In: *Revista da Academia Paulista de Letras*. n. 15, 1941, p. 155.

sou o que sou, se Mane Dutra, uma criatura tão separada de Deus que até nem tem conta.⁵

No conto *Com Deus e as Almas*:

- A Estiva naquele tempo era uma parage'soturna, sem nem um morador por perto, entre duas bocainas de campo. Você não se alembra, Pratinha?⁶

No conto *No Escuro da Noite*:

Você conheceu o Quelemente? Não conheceu? Pois olhe que perdeu grande coisa; por ali, tirante a cahaça que elle p'ras moças, tava um home de sola e vira, dereito nos tratos, amoderado na conversa e destrocido no trabalho. Depois, era bem apessoado, tinha a barba preta, comprida, os olhos grandes, a boca rasgada, uma dentama linda e a voz macia.⁷

Não por acaso, esse recurso da volta ao passado foi utilizado por Valdomiro Silveira. Ao optar por uma narrativa guiada pelo próprio caipira, o escritor lhe atribuiu a autonomia dos sentimentos. Como pôde ser observado nos trechos acima, o passado figura-se como o tempo feliz em detrimento do presente. O eu, protagonista dos textos, encontra-se num estado de desequilíbrio interior e conseqüentemente de quase desconhecimento com o ambiente rural. Isto se deve ao fato do escritor já perceber, nos primeiros anos do século XX, o início de um processo de desestruturação da cultura caipira tradicional.

O narrador caipira, ao se dirigir para um tempo idílico que ficou para trás, parece querer presentificar nesse percurso a sua condição de desequilíbrio interior. A rememoração dos personagens reflete a própria nostalgia de Valdomiro Silveira em torno do mundo rural. Enfim, a oralidade presente na obra configura-se num desejo mútuo de idealização do passado, isto é, do autor e das personagens, na tentativa de buscar uma origem perfeita para a tradição brasileira. Trata-se, na verdade, da história do caipira escrita de forma literária, em que o fio condutor centra-se na rememoração do passado caipira, por meio de uma memória heroizante, monumental, que se pretendeu legada para o futuro.

Para concluir, é inegável que o caipira tornou-se uma figura emblemática da cultura brasileira. É muito comum se dizer que o *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato passou a integrar o imaginário social brasileiro; isso é verdade, sem sombras de dúvidas. Porém, existe um outro lado da sua imagem que também permaneceu: a do caipira como símbolo da autenticidade, da revelação do *verdadeiro* Brasil, enfim, da brasilidade.

⁵ SILVEIRA, Valdomiro. **Leréias: histórias contadas por elles mesmos**. São Paulo: Martins, 1945.

⁶ Idem, p. 157.

⁷ Idem, p. 69.